

ERBOLATO, Mário L. As andorinhas passaram a fazer verão em Ibitinga. O Estado de São Paulo, São Paulo, [s.d.].

MÁRIO L. ERBOLATO

Da Sucursal de
CAMPINAS

Um monumento em praça pública, uma página, que se tornou celebre, de Ruy Barbosa e algumas denominações de clubes e firmas particulares, é tudo o que resta para lembrar as andorinhas de Campinas, que muita fama deram à cidade. Em 1948 elas desapareceram, de um momento para outro e, apesar dos esforços para tentar trazê-las de volta, nunca mais retornaram.

Até aquele ano, em todas as tardes de verão, nuvens de andorinhas deixavam escuro o céu de Campinas. Elas revoavam, fazendo evoluções e, de repente, como se obedecessem ao comando de uma das aves, que ia à frente dos bandos, caíam verticalmente, com as asas fechadas, procurando pouso em um antigo Mercadinho. Lá estavam os seus ninhos e ali dormiam. Pela manhã o espetáculo se repetia e depois milhares desses passaros desapareciam no horizonte, indo até às matas da região, nas quais procuravam alimento. Quando chegava o inverno, emigravam para a África, em busca do calor e só voltavam meses depois (a andorinha tem facilidade e autonomia enorme de voo, podendo vencer grandes distâncias com as asas abertas, isto é, sem batê-las).

Campinas era chamada a **terra das andorinhas** e hoje quem reivindica esse título é Ibitinga, onde perto de 40 mil passaros repetem, nos dias atuais, as evoluções que foram grande atração para os campineiros e para os turistas.

CÉU ABERTO

Não havia ainda muitas indústrias em Campinas e os edifícios eram poucos, o que dava a todos uma visão mais ampla do horizonte, cenário dos arabescos formados pelas aves. Fios telefônicos em altos postes (eles ainda não eram subterrâneos) serviam de pouso para as andorinhas, que neles ficavam coladas umas às outras, às dezenas ou centenas.

Turistas vinham, de varios lugares, para assistir ao espetáculo proporcionado de madrugada e ao entardecer. As crianças permaneciam nas imediações do Mercadinho, porque na descida vertiginosa muitos dos passaros batiam em arvôres ou fios e caíam feridos. O divertimento era levá-los para casa, curá-los e depois soltá-los, porque a andorinha não pode ser criada em gaiolas.

Ninguém sabe ao certo, porque as andorinhas deixaram Campinas. Uns acham que os loteamentos levaram à derrubada de matas virgens e deixou de existir o habitat natural, onde as aves pudessem encontrar insetos para se alimentar. Outros — a maioria — entendem que foi a pintura do Mercadinho que espantou as andorinhas. A prefeitura quis desinfetar o prédio, mas o cheiro da tinta afugentou as aves. Há mesmo quem admita que alguém tivesse jogado, intencionalmente, desinfetantes for-

tisimos na tinta, para provocar a fuga.

Pessoas que ainda se recordam do espetáculo turístico das andorinhas explicam: "Campinas, naquele tempo, começou a progredir bastante. A Casa das Andorinhas estava praticamente no centro da cidade e prédios de apartamento foram construídos nas proximidades. Quem iria alugá-los ou comprá-los, se as andorinhas faziam barulho enorme e ainda sujavam tudo? Não é absurdo pensar que alguém tivesse atirado formol, ou coisa parecida, para espantá-las, pensando em seus próprios negócios imobiliários".

HINO DA CIDADE

O Instituto de Educação Carlos Gomes — antiga Escola Normal — está situado em frente ao local onde havia o Mercadinho. As normalistas eram apelidadas de **andorinhas**.

A presença do Orfeon Normalista era obrigatória em todas as festas importantes da cidade. E apresentava sempre uma canção, especie de hino oficial da cidade. Os versos, que muitas professoras, pelo interior de S. Paulo, ainda recordam e que, muitos presidentes da Republica, governadores, parlamentares e visitantes estrangeiros ouviram, eram assim: A Casa das Andorinhas | E a Escola Normal em frente | São duas boas amiguinhas | Com destinos diferentes.

ESPERA

O velho Mercadinho permaneceu alguns anos à espera de suas antigas hospedes. Se a prefeitura ameaçava derrubá-lo, surgiam protestos e campanhas da imprensa. "E se as andorinhas voltarem, onde irão ficar?" — era a pergunta que surgia. Quando as esperanças se desfizeram, e depois de ter sido ouvida a opinião de ornitólogos, o prédio foi demolido, em 1953, e o local transformado em moderna praça.

A Sociedade dos Amigos da Cidade propôs que "se levantasse um monumento de recordação e de saudade às andorinhas de Campinas, que lembrasse uma época da vida social e urbana da cidade". Constituiu-se uma comissão com essa finalidade. Intelectuais foram às escolas e fizeram discursos inflamados sobre o movimento. As alunas da Escola Normal, em seguida, vendiam um selo comemorativo, que custava 10 cruzeiros (Cr\$ 0,01).

MONUMENTO

O autor do monumento, colocado na praça onde havia o antigo Mercadinho, foi Lelio Coluccini, escultor residente em Campinas, vencedor de varios Salões e que teve esse projeto premiado em uma exposição na Italia. A obra custou 245 contos (Cr\$ 245,00) e sua inauguração ocorreu no dia 6 de junho de 1961.

Mas ninguém se esquece das andorinhas. Em atos oficiais e em reuniões de caráter solene que se realizam em Campinas, em correspondencia recebida pela Camara, sempre há oradores ou autoridades que saudam a cidade como a "terra das an-

dorinhas". Miguel Vicente Cury, duas vezes prefeito de Campinas (e em cujo governo ocorreu a fuga das aves), utilizou a andorinha como simbolo de sua campanha. Há uma Andorinha Parque Clube, sociedade recreativa, e duas firmas com o nome de Andorinha. "Ninguém delas se esqueceu ou se esquecerá", dizem muitos campineiros.

A DESCRIÇÃO DE RUY

Sôbre as andorinhas de Campinas, Ruy Barbosa, que constantemente visitava a cidade, escreveu:

"Pelo limpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o ouro dos seus átomos de luz, mas quando o crepusculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentua em negro na cupula do firmamento, lá, bem no alto, bem de cima, como se a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente do além, varasse ali a redondeza anilada.

Era um; e, logo depois, já são muitos, já vêm surgindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam, e se recruzam, já se encontram e circulam; já se condensam e escurecem. Eram um grupo, e já formam um bando, já vêm crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, vêm-nos ondeando sôbre as cabeças. Agora, afinal, como os movimentos de uma vaga sombria, ponteadada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquietada, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegraficos, resvala pelos textos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhando e restrugindo, com o estrepito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas de milhares, pendem, mergulham, e desaparecem, numa imensa curva borboalhante, por sôbre o largo telheiro abandonado, que essa aérea multidão erradia elegu entre nós para abrigo do seu descanso nas calidas noites de verão".

As andorinhas passaram a fazer verão em Ibitinga

ERBOLATO, Maria L. As andorinhas passaram a
fazer verão em Ibitinga. O Estado de São
Paulo, São Paulo, [e.d.]



Da Sucursal de Campinas

Das andorinhas, Campinas conserva monumento